

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2019

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © Javier Ramos, 2019

Edição portuguesa publicada por acordo com Almuzara.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Eso no estaba en mi libro de Historia de Roma*

Autor: Javier Ramos

Tradução: Ana Saragoça

Revisão: Silvina de Sousa/Editorial Presença

Paginação: Gráfica 99, Lda.

Arranjo de capa: Vera Braga/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 455 754/19

1.ª edição, Lisboa, junho, 2019

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Prólogo | 11 |
| Introdução | 17 |
| I. Um corpo de bombeiros e outro de pirómanos: o negócio circular de Crasso | 19 |
| II. O beijo: o alcoolímetro romano | 29 |
| III. Um funeral digno de um imperador para a mosca de Virgílio | 39 |
| IV. A revolta das mulheres romanas: a primeira manifestação da história | 51 |
| V. As refeições opíparas das elites: 1000 ostras ao pequeno-almoço, 500 figos, 100 pêssegos... .. | 61 |
| VI. A função social da prostituição: evitar seduzir a mulher do vizinho | 75 |
| VII. Hollywood fez muito mal aos gladiadores | 91 |
| VIII. O grasnar de gansos evitou a invasão dos gauleses | 101 |
| IX. A arma secreta das legiões: a dolabra | 109 |
| X. Segeda, a cidade hispana que mudou o calendário ... | 119 |
| XI. Mesmo que o romano se vista de seda, é sempre romano | 125 |
| XII. Mitrídates, um inimigo de Roma imune aos venenos | 135 |

| | | |
|--------|--|-----|
| XIII. | Um povo de jogadores | 143 |
| XIV. | O imperador Heliogábalo ou o cúmulo da excentricidade: sodomita, efeminado, cruel | 151 |
| XV. | Cloacas do império: bandidos e assassinos de Roma | 163 |
| XVI. | <i>Incitatus</i> , o cavalo que quase chegou a senador de Roma | 171 |
| XVII. | Os originais impostos romanos: da urina, do celibato... e algumas leis um tanto peculiares .. | 179 |
| XVIII. | Os remédios da avó romana | 195 |
| XIX. | Cipião, o herói que aniquilou Aníbal, acusado de corrupção | 203 |
| XX. | A primeira banda desenhada da história | 211 |
| XXI. | Diocles, o Cristiano Ronaldo da Antiguidade | 221 |
| XXII. | Em pó romano te transformarás... .. | 231 |
| XXIII. | O chumbo acabou com o Império Romano? | 239 |
| XXIV. | Quem tem um escravo, tem um tesouro | 247 |
| XXV. | O aragonês que desenterrou Pompeia | 255 |
| | Agradecimentos | 265 |
| | Bibliografia | 267 |

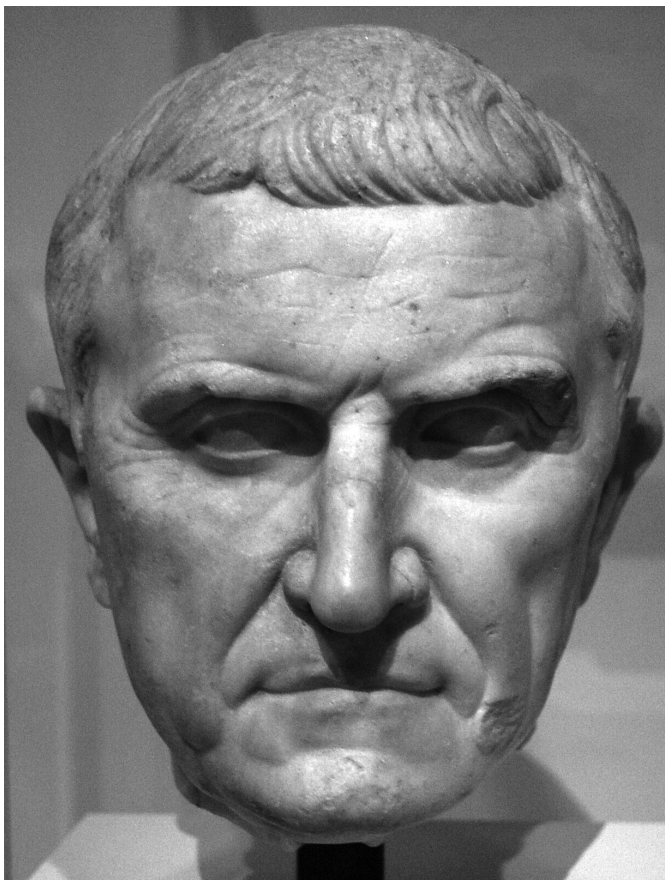
I

UM CORPO DE BOMBEIROS E OUTRO DE PIRÓMANOS: O NEGÓCIO CIRCULAR DE CRASSO

O prestamista e político Marco Licínio Crasso (115-53 a. C.) ganhou fama devido à sua grande riqueza, acumulada fundamentalmente graças ao comércio de escravos e à especulação imobiliária, bem como ao seu constante e desmedido afã em aumentá-la. Crasso organizou o primeiro serviço contra incêndios de Roma... e também uma brigada de incendiários que lhe fornecesse atividade e negócio.

Quando se declarava um incêndio num edifício residencial, Marco Licínio Crasso apresentava-se no local e exigia ao proprietário o pagamento de uma quantia elevada. Se ele aceitasse, os seus homens apagavam o fogo. Se recusasse, Crasso sentava-se com toda a calma e deixava o edifício arder. Depois, os donos cediam as suas propriedades a baixo preço, devido às pressões.

Crasso criou uma imagem de negociante sem escrúpulos. O historiador Plutarco expõe-no com nitidez: «Como via que os incêndios e os desmoronamentos de casas eram um mal endêmico e inevitável em Roma (os edifícios eram muitos, e pesados), dedicou-se a comprar os edifícios ardidos e os que ficavam próximo, pois os proprietários cediam-lhos a baixo preço devido ao medo e à incerteza; de modo que a maior parte de Roma estava nas suas mãos.» Ao mesmo tempo, criou uma equipa de 500 escravos arquitetos e construtores para escorar os imóveis e desentulhar as parcelas, e depois arrendava ou vendia as casas. Não erguia imóveis novos, pois



Marco Licínio Crasso (115-53 a. C.) formou o Primeiro Triunvirato, juntamente com Júlio César e Pompeu (Gautier Poupeau).

garantia: «Os adeptos da construção arruinam-se sozinhos, sem precisar de inimigos.»

Anos mais tarde, o problema dos incêndios nas casas de Roma tornou-se tão dramático que o imperador Otávio Augusto viu-se obrigado a criar um corpo de «bombeiros» e vigilantes dedicados exclusivamente à prevenção de tais catástrofes, as *cobortes vigilum* («unidades de guardas»). «Estabeleceu rondas noturnas para os incêndios e, para prevenir as inundações do Tibre, mandou limpar e alargar o seu leito, obstruído há muito tempo pelas ruínas e estreitado pela demolição de edifícios.» (Suetónio, *Otávio Augusto*, xxx). Era formado por um corpo de sete coortes de um milhar de homens

sob o comando do *praefectus vigilum*. O corpo de vigilantes era formado pelos *aquarii* (aguadeiros), *sifonarii* (manejavam as bombas de água, chamadas *sipho*) e os *uncinarii* (iam equipados com lanças com ganchos que permitiam o derrube controlado do imóvel queimado). Cada coorte ocupava-se de duas regiões da cidade; estavam encarregados de extinguir e prevenir incêndios, mas assumiam funções policiais mais amplas. Pressupunha-se que os vigilantes patrulhavam as ruas enquanto as pessoas estavam nos jogos, para evitar assim as invasões de residências. Em cada um dos 14 distritos em que Roma estava dividida, existia um quartel ou esquadra (*excubitorum*), também sede de bombeiros. Era servido por um grupo permanente de vigilantes que patrulhavam as ruas equipados com baldes e armas, caso houvesse incêndios ou rixas. Armazenavam vinagre em grandes cântaros, usando-o para combater o fogo; mas era preciso algum cuidado na hora de o utilizar. Conta-se que, quando Aníbal, ao atravessar os Alpes, se viu bloqueado por um rochedo enorme, o fez explodir acendendo uma fogueira por baixo e deitando-lhe vinagre por cima.

O HOMEM MAIS RICO DE ROMA

Crasso chegou a ser um dos homens mais ricos de Roma. A sua grande fortuna, bem como a ajuda de alguns clientes, permitiu-lhe ser senador durante a ditadura de Sila. Foi possivelmente igualado pelo colega e rival Pompeu (com quem formou o Primeiro Triunvirato, junto com Júlio César, de 60 a. C. a 53 a. C.) e, três décadas depois, superado por Augusto. No que não tinha rival, na opinião dos historiadores antigos, era na cobiça ilimitada de que fazia gala para acumular fortuna. Se, ao longo da sua carreira, o património dele passou, segundo Plutarco, de 300 para 7100 talentos, foi graças à participação oportunista na especulação imobiliária em tempos de expropriações políticas.

A fama da sua avareza era tal que, num julgamento em que era acusado de se ter deitado com uma vestal (um dos piores delitos

daquela época), o júri acreditou quando ele argumentou que esta (a vestal) o fizera para lhe arrebatat a propriedade.

Durante a guerra civil entre Sila e Mário (88-81 a. C.), Crasso conseguiu abandonar Roma, onde a sua vida corria perigo, e refugiou-se na Hispânia. Receando que mesmo ali pudessem capturá-lo, escondeu-se durante oito meses numa gruta perto de Málaga, juntamente com três amigos e dez escravos. Um cliente da família levava-lhe alimento, e também lhe arranhou a companhia de duas escravas. Crasso só voltou para Roma quando Cina foi assassinado, em 84 a. C. Esta experiência traumática marcou sem dúvida a sua personalidade, e talvez tenha fomentado nele, como meio de se resguardar perante os inimigos, a avareza e a cobiça que tantos lhe censuraram.

UM MODERNO PROMOTOR IMOBILIÁRIO

Crasso aproveitou outra medida de Sila: a nomeação de mais 300 senadores entre os cavaleiros, os *equites*, a classe empresarial e de negócios, com os quais a cúria passou a ter 600 membros. Estes novos senadores precisavam de cultivar uma imagem nobre e digna, e mostraram grande interesse nas grandes mansões e fazendas dos senadores caídos em desgraça. Como experiente promotor imobiliário, Crasso revendeu-lhes as mansões requisitadas com grande margem de lucro.

Crasso possuía também propriedades em Roma e na Península Itálica, bem como minas de prata, talvez na Hispânia; mas, segundo Plutarco, «tudo isto não era nada comparado com o valor dos seus escravos». O romano encarregou-se pessoalmente de que eles recebessem formação especializada em tarefas diversas, e confiou-lhes cada função com autonomia, entendendo que era o melhor modo de os rentabilizar, embora ciente de que era ele quem devia controlá-los. Os escravos serviam-lhe como bens preciosos e liquidáveis, e para conduzir a gestão do seu império.

Graças ao imenso capital que acumulou, Crasso exerceu também como prestamista. Por norma, cobrava juros altíssimos, mas

fazia gala em perdoá-los aos amigos, sobretudo àqueles com quem formou o Primeiro Triunvirato; no entanto, quando se venceia o prazo, ele reclamava a devolução com grande dureza, tanta que «a dádiva se revelava mais onerosa do que uma grande quantidade de juros», diz Plutarco. Os empréstimos eram também um meio de ganhar aliados políticos; daí, por exemplo, os 830 talentos que emprestou a Júlio César no início da sua carreira política.

Apesar da cobiça, Crasso soube conquistar o favor popular para atingir os objetivos eleitorais. Quando, em 71 a. C., foi eleito cônsul, após o êxito na repressão da revolta de Espártaco no ano anterior, quis mostrar-se especialmente pródigo: «Consagrou a Hércules dez por cento dos seus bens», explica Plutarco, «ofereceu um banquete ao povo e, dos seus fundos, forneceu a cada romano uma provisão de cereal para três meses.» Esta generosidade ajudou-o a conseguir os votos necessários para ser eleito censor, cargo que desempenhou diplomaticamente: não reviu nem censurou senadores, cavaleiros ou cidadãos.

Como os outros congêneres endinheirados, Crasso não foi alheio à extravagância. Tinha como animal de estimação uma enguia, à qual punha brincos e um colar de pedras preciosas. Quando ela morreu, ficou de luto. Essa conduta excêntrica foi-lhe censurada, mas Crasso respondeu aos detratores que a sua atitude era melhor do que a dos outros, pois enterrara três esposas sem derramar uma lágrima.

DESPEJOS NAS CASAS DOS POBRES

Os banqueiros ou prestamistas como Crasso tiveram um papel primordial em Roma, o que lhes valia a sempiterna má fama. Estavam por trás de muitos dos habituais abusos, enganos e inclusive despejos que aconteciam em redor das *insulae*, os edifícios de andares onde viviam os mais pobres. Eram utilizados pelos cidadãos que não podiam permitir-se ter moradias particulares (*domus*). Ainda



As *insulae* eram blocos de moradias de vários andares que se distribuíam por Roma, das quais permanecem restos deste edifício em Conímbriga (Portugal).



O urbanismo de cidades como Pompeia e Herculano desenvolveu-se com moradias do tipo *insulae*.

assim, não eram baratas. Na juventude, Sila pagava uma renda anual de 3000 sestércios.

Estas construções (*insulae*, literalmente «ilhas»; daí o termo italiano *isolato*, que significa «bloco, quarteirão») inundaram Roma e outras grandes cidades, e tornaram-se objeto de especulação constante. Erigidas graças a licenças compradas, construídas com o mínimo de qualidade e pouca salubridade, e vendidas ou arrendadas a preços inflacionadíssimos, ruíam ou ardiam com frequência. A isso se refere o jurista Ulpiano quando afirma que na cidade de Roma havia incêndios todos os dias. As rendas eram caras, e muitos inquilinos subarrendavam uma divisão, pelo que viviam ainda mais apertados.

Alguns historiadores, como Jerome Carcopino, contabilizam mais de 46 000 *insulae* na Roma da época imperial, durante a qual a migração campo-cidade se tornou mais intensa e em que, tal como nos nossos dias, a urbe teve de responder à afluência de população com um desenvolvimento arquitetónico na vertical, ao invés da expansão na horizontal própria da *domus*, das quais constam registadas 1797 unidades numa relação das regiões de Roma do século IV.

As *insulae*, entre as escassas vantagens, gozavam de uma excelente iluminação, proporcionada por vezes por pátios interiores e geralmente pelos muitos vãos, que contrastavam com os muros cegos próprios da *domus*. Estas edificações podiam ter três pisos, e chegavam a alcançar 20 metros de altura.

A água corrente nunca chegava às *insulae*, cujos inquilinos também não gozavam de qualquer sistema de aquecimento, como o famoso *hypocaustum*, cuja instalação teria sido impossível nestas edificações de vários andares. Eram construções de ladrilho, argamassa e madeira, em geral de má qualidade, com três ou quatro pisos. Na parte inferior, tinham oficinas, lojas e *tabernae*. Do exterior, as *insulae* apresentavam um belo aspeto, com janelas bonitas, fachadas decoradas, e varandas enfeitadas de flores. Os exemplos mais bem conservados, datados dos séculos II e III, encontravam-se perto do Capitólio em Roma e em Óstia (o porto de Roma).

UM FIM TRÁGICO

Crasso teve um fim dramático. Os historiadores antigos oferecem duas versões sobre as suas últimas vontades após ser capturado na batalha de Carras pelo exército de Orofes, rei dos partos (53 a. C.). Segundo Plutarco, os captores cortaram-lhe a cabeça e a mão, e enviaram-nas ao rei parto. Dião Cássio relata a lenda de que os partos, conhecedores da reputação da presa, lhe teriam derramado ouro fundido na garganta, para aplacar a insaciável sede de riquezas.

A batalha de Carras constituiu um travão importante ao expansionismo romano no Oriente, mas também contribuiu para acelerar a queda da república. As forças, compostas por 42 000 soldados (34 000 legionários, 4000 cavaleiros e 4000 infantes auxiliares), sucumbiram contra um exército parto bastante inferior (10 000 homens). No total, perderam 30 000 soldados (20 000 mortos e 10 000 prisioneiros, que estão na origem de uma lenda). Foi a derrota romana mais grave desde a de Canas, frente a Aníbal (216 a. C.), na Segunda Guerra Púnica.

Hoje em dia, a expressão «erro crasso» é usada para aludir a um erro muito grave. Provém da latina *Crassus errare*, utilizada pelos romanos com o mesmo sentido. As falhas de Crasso ao planificar a campanha de Carras ficaram gravadas na mentalidade da época como um exemplo de preparação catastrófica.

Mas ele não foi o incompetente que algumas fontes quiseram retratar devido à derrota em Carras. Teve um papel de destaque na guerra civil entre Mário e Sila, e foi também o artífice da vitória sobre a revolta do escravo Espártaco. Na qualidade de pretor na campanha militar contra aquele adversário, Crasso começou as operações desenterrando o castigo arcaico do *decimatio*, e aplicou-o às legiões que tinham fugido quando estavam sob o comando dos seus predecessores. Este castigo brutal consistia no sorteio de um em cada dez homens para serem assassinados ao murro e à paulada pelos companheiros. Além disso, mudou a ração de 90 por cento das tropas restantes de trigo para cevada, e obrigou-as a erguer as tendas fora dos muros dos acampamentos do exército.

É possível que alguns dos sobreviventes da matança de Carras tenham entrado em contacto com os chineses, que só eram conhecidos entre os romanos como produtores de seda. Uma crónica de 36 a. C. da dinastia chinesa Han faz alusão a um grupo de mais de cem soldados do exército dos hunos que se comportavam de modo disciplinado, algo impróprio daquele povo: colocavam-se em formação de escama de peixe, talvez a *testudo* (tartaruga), e faziam instrução. Em 2005, esta teoria foi revitalizada por testes de ADN que demonstraram que parte da população atual de Liqian possui genes caucasianos.